
V. 9, N. 1, JAN./MAR. 2019

Ivan Wallan Tertuliano.
Centro Universitário
Adventista de São Paulo, São
Paulo, Brasil.
✉ ivanwallan@gmail.com.

José Maria Montiel. Centro
Universitário Fundação
Instituto de Ensino para
Osasco, Osasco, Brasil.
✉ montieljm@hotmail.com

Silvia Deutsch. Universidade
Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, Rio Claro,
Brasil.
✉ silvia.deutsch@yeb.com.br

Afonso Antonio Machado.
Universidade Estadual Paulista
Júlio de Mesquita Filho, Rio
Claro, Brasil.
✉ afonsoa@gmail.com

ARTIGO

Editor
Alfredo Passos
profdrpassos@gmail.com

Como referenciar - ABNT

TERTULIANO, Ivan Wallan,
MONTIEL, José Maria, DEUTSCH,
Silvia, MACHADO, Afonso
Antonio. **Revista Inteligência
Competitiva**, v. 9, n. 1, p. 15-30,
jan./mar. 2019

RECEBIDO EM: 2018-07-11

APROVADO EM: 2019-03-13

© Atelie Brasil
Rua Pe. Guilherme Pompeu, nº1,
Centro- Santana de Parnaíba
06501-055 - São Paulo - Brasil

CONSIDERAÇÕES EM RELAÇÃO A EXPATRIAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO: INTERFACES COM ASPECTOS EMOCIONAIS

CONSIDERATIONS REGARDING EXPATRIATION AND GLOBALIZATION: INTERFACES WITH EMOTIONAL ASPECTS

Resumo: O presente ensaio tem como foco a temática expatriação no esporte e sua relação com a globalização. Assim, o objetivo do presente estudo foi conceituar os fenômenos expatriação e globalização e apontar a relação entre tais fenômenos no contexto esportivo e suas consequências para pessoa que participa da expatriação (migração). Nessa proposta de ensaio teceu-se sobre as diferentes definições que o termo expatriação recebe e como se deu o processo de globalização do esporte, principalmente na sua transformação em produto. Finaliza-se, o presente ensaio, com a relação entre o aumento da expatriação no âmbito esportivo e a globalização do esporte. Na guisa de considerações, o texto apresenta considerações de que a globalização do esporte impulsionou a expatriação de atletas e, com isso, surge a necessidade de melhor compreensão de tais relações, bem como das consequências que a expatriação tende a ocasionar para o atleta, seja positivas ou negativas, além da necessidade de preparação dos atletas antes da expatriação.

Palavras-chave: Expatriação. Globalização. Esporte. Atleta.

Abstract: This essay focuses on the issue of expatriation in sport and its relation to globalization. Thus, the objective of the present study was to conceptualize the phenomena of expatriation and globalization and to point out the relation between such phenomena in the sport context and its consequences for the person who participates in the expatriation (migration). In this proposal of test was made on the different definitions that the term expatriation receives and how the process of globalization of the sport took place, mainly in its transformation into product. The present essay concludes with the relation between the increase in expatriation in the sports field and the globalization of sport. Considering the considerations, the text presents considerations that the globalization of the sport has led to the expatriation of athletes and, therefore, the need for a better understanding of these relations, as well as the consequences that the expatriation tends to cause for the athlete, is positive or negative, in addition to the need to prepare the athletes before the expatriation.

Keywords: Expatriation. Globalization. Sport. Athlete.

I INTRODUÇÃO

A expatriação é um instrumento de controle utilizado desde o início das civilizações. Ela pode ser observada desde a Roma antiga, passando pelo período das grandes navegações, onde os europeus promoveram um movimento de expansão do comércio internacional (TANURE; EVANS; PUCIK, 2007) e chegando nos dias de hoje, em que a expatriação é percebida como o envio de um trabalhador para um país estrangeiro, numa ocupação de gestão (ADLER, 1984). Certo (1997) define expatriado como um membro de uma organização que vive e trabalha em um país, no qual ele não tem cidadania.

No contexto esportivo, o termo expatriado é compreendido como a mudança de país, por parte do atleta, para poder continuar a vida atlética em outro clube ou até mesmo em outro esporte (BRANDÃO et al., 2013; FAGGIANI et al., 2016; TERTULIANO, 2016; FAGGIANI, 2017). Mais do que isso, no esporte a expatriação tem características de migração (PISANI, 2014; PONTES et al., 2018), pois os atletas saem de um país para continuar a carreira esportiva em outro país.

Tal feito leva os atletas a novas culturas e, conseqüentemente a incerteza do que poderá ocorrer com sua inserção nesse novo contexto social. Assim, entender expatriação no esporte, ou melhor, migração no esporte, deve remeter a compreensão dos fatores emocionais que acompanham o atleta, como o medo, a incerteza, a ansiedade e até a depressão (BRANDÃO et al., 2013; TERTULIANO, 2016).

Somado a isso, percebe-se que a expatriação (migração) de pessoas pelo mundo é algo que cresce a cada ano e não é um fato novo (ANDREFF, 2010; GALLON; ANTUNES, 2015; ETTINGER et al., 2016). Pessoas migram de países, estados ou cidades em busca de novos empregos, culturas, aprendizados etc. (ANDREFF, 2010).

Segundo Brasil (2015) e Sebben (2009), existem quase 4 milhões de brasileiros que vivem no exterior por diversos motivos como buscar melhores condições de vida, trabalhar em empresas estrangeiras, buscar domínio em outro idioma, melhorias salariais e ser atleta de alto rendimento. Para Carvalho (2016), toda essa migração se dá pela influência da globalização e da internacionalização.

Diante disso, observa-se que a expatriação (migração) é um tema emergente na literatura, tanto nacional quanto internacional, e que no esporte isso também é observado (AGERGAARD, 2008; CARDOSO; RIBEIRO, 2008; RIAL, 2008; RODRIGUES, 2010; WEEDON, 2011; FREITAS et al., 2012; RICHARDSON et al., 2012; SCHINKE et al., 2013; BRANDÃO et al., 2013; AGERGAARD; RYBA, 2014; PISANI, 2014; TIBBERT; ANDERSEN; MORRIS, 2015; TERTULIANO, 2016; TIESLER, 2016; FAGGIANI et al., 2016; RIGO; SILVA; RIAL, 2018; PONTES et al., 2018). Porém os estudos apontam que muito tem a ser investigado e apresentado sobre esse tema no esporte (TERTULIANO, 2016), haja vista, a maior parte dos estudos, apresentarem apenas como ocorre a expatriação, enquanto motivos pessoais, sem relacioná-los com as dinâmicas econômicas mundiais, como por exemplo o efeito da globalização, justificando o presente ensaio. Assim, o presente estudo tem a seguinte problemática norteadora: Será que a expatriação (migração) no esporte aumentou devido a influência das mudanças ocorridas no mundo em função da globalização? Para atender tal problema, o objetivo do presente

estudo foi conceituar os fenômenos expatiação e globalização e apontar a relação entre tais fenômenos no contexto esportivo e suas consequências para pessoa que participa da migração.

Com o intuito de apresentar e propor posturas acadêmico-profissionais, este estudo visou trazer um direcionamento pautado em um modelo de ensaio, no qual estudos clássicos e contemporâneos foram utilizados, nacionais e internacionais, para tecer sobre a temática e proporcionar um maior raio de atuação e reflexão. Assim, o presente ensaio baseou-se no desenho metodológico de uma pesquisa de natureza qualitativa sobre a perspectiva de organização dos conteúdos que a literatura nos oferece (LAKATOS; MARCONI, 2011), para favorecer o conhecimento dos conceitos e interrelações dos seguintes fenômenos: expatiação e globalização no esporte (TERTULIANO, 2016) e, com isso, conseguir tecer reflexões sobre a temática.

2 EXPATRIAÇÃO - DEFINIÇÕES E MOTIVOS

De acordo com Caligiuri (2000), expatiação é definida como o envio de um empregado, pela empresa sede, para trabalhar e viver em outro país por um período de 2 anos ou mais. Em outra definição, expatriados são empregados que as empresas – multinacionais – enviam para viver e trabalhar em outro país, em condições muito boas (BONACHE, 2002). Para Machado e Hernandez (2004), expatiação significa residir em país estrangeiro. Zwielewski (2009) analisa a expatiação como uma ação de alterar rotinas, costumes valores pessoais e construir uma nova rede de relacionamentos em outro país.

Rego e Cunha (2009) definem expatiação como a designação de trabalhadores que são encarregados de missões internacionais, diferenciados em categorias: Expatriados do país de origem – Trabalhadores do país da sede da empresa que são transferidos para uma filial localizada em outro país; Expatriados de países terceiros – Trabalhadores que não vêm do país da sede da empresa, mas que desempenham o seu trabalho em país estrangeiro; Impatriados – Trabalhadores que vêm de filiais para a sede com o objetivo de trazer novas ideias; Flexipatriados – Trabalhadores que circulam por diferentes países em estadias de curta duração.

Para Mattos (2010), expatriados são pessoas expulsas da pátria, colocadas em exílio ou que deixaram a pátria voluntariamente, expatriado é um adjetivo ou substantivo, singular, que deriva do verbo expatriar. Expatriar vem do latim *expatriare* e significa expulsar da pátria, degredar. González e Oliveira (2011) definem expatriado como o profissional enviado ao exterior por sua empresa. Brandão (2012) define expatriado como um funcionário enviado por uma organização para viver e trabalhar em outro país por um período de tempo maior que 1 ano.

Ainda cabe destacar que por vezes, o termo se confunde com outros termos (exportação, nômade, migrante etc.), o que torna necessária a definição desses termos. O termo exportação é definido como venda ou remessa de produtos de um país para outro. Envio de ideias, pessoas etc. para fora da região a que pertencem ou de onde se originaram (MATTOS, 2010). Nômade diz respeito a tribos e raças humanas que não se utilizam

de moradia fixa, que vagam sem destino. Nômade é um adjetivo ou substantivo, singular. Nômade vem do latim *nomas* e significa errante, vagabundo, sem destino.

Migrante diz respeito à pessoa que muda de país ou lugar de forma periódica. Migrante vem do latim *migrans* e significa passar de um lugar para outro. Além disso, migrante é a pessoa que deixa seu país de origem por questões econômicas (GONZÁLEZ; OLIVEIRA, 2011), geralmente buscando uma situação melhor em outro país.

No contexto do esporte, Expatriado pode ser entendido como um atleta que trocou de país para continuar a competir no esporte em que atua, ou até mesmo para competir em outro esporte, defendendo outra equipe ou até mesmo outra nação e que, em algum momento, retorna ao Brasil (BRANDÃO et al., 2013). Os termos Nômade e Migrante não são muito usuais, mas existe direcionamento para os mesmos, no esporte (DARBY, 2006; SILVA; RIGO; FREITAS, 2012; AGERGAARD; RYBA, 2014; PISANI, 2014; TIESLER, 2016; PONTES et al., 2018; RIGO; SILVA; RIAL, 2018).

Ao tratar do termo Nômade, os textos tratam de um atleta que não consegue fixar-se em uma equipe, nação, cultura, sociedade etc., ou seja, o atleta que muda constantemente de equipe para competir, sendo essa mudança em seu próprio país ou para outro país (FONTES, 2011). O termo Migrante pode remeter aos jogadores que fazem troca de equipes de forma periódica.

Retornando ao contexto esportivo, pode-se entender expatriado, também, como aquele atleta que transita por clubes dentro do mesmo país (RIAL, 2008; RIGO; SILVA; RIAL, 2018). Todavia esses deslocamentos podem ser acompanhados de alguns fatores como: a ausência da família e, conseqüentemente, a saudade dos familiares; o assédio da mídia, o que pode acarretar em diminuição da privacidade; a diminuição de rendimento; e até o isolamento (RICHARDSON et al., 2012). Assim, o controle das emoções (STERNBERG, 2010; BARTHOLOMEU et al., 2013) é de fundamental importância para que o expatriado (migrante) consiga adaptar-se ao novo clube, a nova cidade e até a nova cultura (TERTULIANO, 2016) e, com isso, desempenhar adequadamente a sua função junto ao esporte.

Nessa perspectiva, o papel do psicólogo do esporte é de suma importância, já que o mesmo pode atuar com estratégias de enfrentamento (*coping*), o que contribuirá com o melhor controle emocional dos atletas frente as incertezas que a expatriação traz (BRANDÃO et al., 2013). Enquanto enfrentamento (*coping*), cabe tecer que o mesmo é definido como um conjunto de estratégias pessoais utilizadas para adaptação em caso de situações adversas, auxiliando as pessoas, de forma eficiente, na lida com tais situações (MARTENS et al., 1990; PONS et al., 2018). Em outras palavras, o conjunto de estratégias pessoais que as pessoas utilizam para dar conta das adversidades que são inerentes ao contexto em que vivem, é denominado de *coping* (ANTONIAZZI; DELL'AGLIO; BANDEIRA, 1998).

Além disso, atualmente, em função da globalização do esporte e da facilidade de deslocamentos, os atletas buscam “espaços” em clubes de diferentes regiões do país que moram ou até em outros países, muito influenciados por questões financeiras, pela busca de novas oportunidades, pela busca de ascensão e fama, entre outros motivos (FAGGIANI et al., 2016), demonstrando que fatores pessoais podem contribuir com os fatores

emocionais, já que ao ter ascensão, fama e dinheiro, o atleta sente-se confortável, demonstrando a influência dos mecanismos mentais na regulação emocional (BARTHOLOMEU et al., 2013). Assim, observa-se que é necessário compreender a globalização do esporte, pois a mesma apresenta-se como fator influenciador nos deslocamentos de atletas para diferentes cidades, estados e países (RICHARDSON et al., 2012).

3 GLOBALIZAÇÃO - INFLUÊNCIAS NO PROCESSO DE EXPATRIAÇÃO

A globalização é um fenômeno que atinge o mundo, mas de formas diferenciadas conforme a região ou ainda conforme o aspecto que observamos. Alcança nações e povos na sua economia, cultura, tecnologia e política. O processo de globalização tem assumido diferentes feições no decorrer da história, por isso mesmo é chamado de “processo”. Segundo Guedes (2012), a globalização vai além das áreas econômicas, baseia-se na interdependência e na complementaridade entre os países, no seu âmbito econômico. Assim, a globalização é mais que baixas remunerações, ela busca encontrar eficiências em qualquer ponto de cadeias de fornecimento complexas.

A globalização é um processo que está em curso e pode ser observado também considerando sua amplitude histórica. A globalização tem suas origens no século XV e XVI, com as grandes navegações, conduzidas por D. João II e o infante D. Henrique (BOTELHO, 2015). Tal globalização se dá por intermédio de avanço tecnológico, tendo a construção de caravelas, balhastilhas e outros instrumentos de medição de altura, criando as bases geoestratégicas ao redor de duas rotas: do Atlântico e do Índico.

Essas evoluções deram aos portugueses o controle da navegação e, conseqüentemente, o poder político da época. Após as grandes navegações, a globalização se desenvolve com a Revolução Industrial, com a utilização de energias advindas do carvão, do vapor e, mais tarde, do petróleo, acentuando a melhoria do nível de vida das populações, com as máquinas, meios de transporte e os meios de comunicações mais eficientes (IANNI, 1995).

A globalização, concebida como moderna, tem seu surgimento nas conferências de Bretton Woods, em 1944 (BOTELHO, 2015), com o surgimento de regras, procedimentos e institutos da nova ordem política e econômica internacional – Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM). Apesar de todo o avanço relatado, apenas a partir dos avanços tecnológicos na área de operações internacionais, que ocorreu na década de 1980, é que se tem a maior percepção do livre comércio e dos fluxos financeiros internacionais (INTERNATIONAL MONETARY FUND, 2008).

Nesta nova perspectiva, a globalização é o resultado de inovação e progresso tecnológico, integrando as economias, gerando a interdependência dos mercados e da produção em diversos países, estabelecendo as diferenças entre mercados. De acordo com Guedes (2012), independentemente das situações positivas ou negativas que a globalização nos oferece, ela é um fenômeno irreversível e que nos remete a lidar com ela de forma coerente. Desta forma, a globalização abrange uma diversidade de domínios, levando-a a diferentes

impactos que estão relacionados a natureza dos mercados, financiamento, tecnologia, socioeconomia, política e estratégias das empresas (BOTELHO, 2015).

Os processos de globalização levam as empresas a buscarem a internacionalização, o que acelera as relações internacionais de comércio e desenvolvimento tecnológico (PEREIRA; SABOIA, 2015). A internacionalização, nesta perspectiva, é entendida como o ato de aceitar o processo de adequação e adaptabilidade ao ambiente estrangeiro, levando a necessidade de compreensão, por parte da empresa, de que o formato operacional aplicado em ambientes estrangeiros é diferente do aplicado em seu país-sede (MACHARZINA; OESTERLE; BRODEL, 2006).

Para Pieray (1981) internacionalização é um movimento das operações da empresa para fora do país de origem. Assim, a internacionalização de empresas é um processo gradual, implicando em um conjunto de modificações nos níveis das estruturas organizacionais, com vista a um conjunto de desafios:

- 1) aumento da complexidade, fruto do crescimento e dispersão geográfica;
- 2) garantia da coordenação de unidades de negócio subsidiárias e;
- 3) constrangimentos impostos pelos governos dos países-alvo (SOUSA, 2014).

Assim, Teixeira e Diz (2005) afirmam que a internacionalização leva as empresas a trilharem diversas etapas, desde a fase etnocêntrica (empresa internacional com mentalidade doméstica), passando pela fase mais policêntrica (empresa multinacional que leva em conta as diferenças nacionais), chegando na fase mista (empresa global). A última fase do desenvolvimento da internacionalização corresponde ao que tem sido chamado de empresa transnacional, aquela que adota uma visão global, tendo, no entanto, em vista as diferenças locais.

Esse processo de internacionalização não é algo novo. De acordo com Botelho (2015, p. 35):

A primeira multinacional foi identificada na Assíria, cerca de dois mil anos a.C. nas cidades estado de Kanesh (perto de Kayseri na atual Turquia) e Ashur (nas margens do rio Tigre, 100 Km ao sul da cidade de Mosul no atual Iraque). Estas empresas tinham características semelhantes às das modernas multinacionais: organização hierárquica, empregados estrangeiros, atividades com valor acrescentado em múltiplas regiões e apresentavam comportamentos de pesquisa, mais de novos mercados.

O crescimento do comércio mundial impulsiona a internacionalização das empresas, bem como a forma de gestão desse processo. Assim, as empresas adotam estratégias de internacionalização, não apenas para firmar sua posição competitiva no mercado, mas, também, como forma de garantir sua sobrevivência e/ou crescimento (PIERAY, 1981; BOTELHO, 2015). Desta forma, as empresas, ao adotarem a internacionalização, percorrem 4 fases principais (BARTLETT; GHOSHAL, 1992):

- 1) *Internacional* – empresa cuja cultura organizacional é doméstica, apoiada no mercado interno, considerando o mercado externo uma extensão do mercado interno, podendo estar presente em diversos países.

2) *Multinacional* – empresa que olha o mundo como um conjunto de mercados nacionais, procurando adaptação de suas estratégias aos mercados nacionais, respeitando as diferenças de cada mercado.

3) *Global* – empresa que assume o mundo como um mercado global, adotando estratégias de abastecimento dos mercados externos com base na centralização das operações em um único país.

4) *Transnacional* – empresa que adota uma visão global, reconhecendo as semelhanças e diferenças dos mercados em que atua. Presente em diversos países, relacionando os recursos e os mercados globais.

Além das quatro fases sugeridas por Bartlett e Ghoshal (1992), Doz, Santos e Williamson (2001) introduzem mais uma fase, a fase da empresa *metanacional*, na qual a empresa é vista como uma empresa que obtém vantagem competitiva identificando, aderindo, movimentando e empregando conhecimentos diversos, a partir de vários pontos espalhados pelo mundo. As empresas metanacionais apresentam três competências:

a) Capacidade de identificar e captar conhecimentos emergentes em todo o mundo.

b) Estruturar e movimentar todo o saber captado.

c) Fazer com que o novo saber se torne uma inovação, criando valor por meio da produção, do marketing e distribuição mundial, de forma eficiente.

Ao se observar os processos de globalização e a internacionalização das empresas, percebe-se, por parte das organizações, a necessidade de expatriar seus trabalhadores, visando a melhor desenvoltura em seus processos no exterior visto que está transferindo seu conhecimento para o país-alvo.

No contexto esportivo, a globalização afetou de tal forma os esportes, que ele é considerado um dos maiores bens e serviços do mundo (ANDREFF, 2008). Quando se fala de esportes e economia, a globalização relaciona desde artigos esportivos, direitos de transmissão, transferência de jogadores de um clube para outro, de diferentes países até o *doping* (ANDREFF, 2008; RODRIGUES, 2010).

Um dos exemplos da globalização no esporte foi a eleição do brasileiro João Havelange para a presidência da FIFA em 1974. Até então apenas europeus assumiram o posto. Havelange assumiu uma política de gestão pautada na expansão e diplomacia, constituindo parcerias com multinacionais e viagens pelo mundo para estimular o Futebol em outros países (MACHADO, 2013).

Desta maneira, Havelange consolidou a globalização no Futebol, principalmente utilizando competições internacionais e sua influência política nos países em desenvolvimento. Aliada a essa política de globalização, adotada pela FIFA em 1996, em virtude da revolução, causada pela lei Bosman, que deu direito de trânsito livre aos jogadores dos países integrantes da UE, houve um grande aumento de jogadores estrangeiros indo para Europa (ANDREFF, 2001; TEIXEIRA, 2014). Assim, o esporte, pode ser considerado um negócio, o que se inicia após 1960, gerando lucro para além dos campos e clubes, substituindo a visão de esporte sustentável para a visão de esporte empresarial (MACHADO, 2013).

Para alguns autores (PRONI, 1998; RIBEIRO; PRONI; ZAIA, 2007), o esporte é associado ao consumo, numa perspectiva mercadológica, levando-o a três esferas de análise:

1) *Consumo de bens* – o consumo de artigos e equipamentos esportivos tem seu crescimento devido ao aumento das práticas esportivas amadoras e recreativas, a associação dos atletas a modelos de saúde, vigor e sucesso profissional, levando as pessoas a adotarem um estilo de vida esportivo.

2) *Consumo de serviços* – o aumento do número de academias e centros esportivos privados, associados a novos métodos de preparação física, levam as pessoas a um apreço social para o consumo e aderência a um estilo de vida esportivo.

3) *Consumo de espetáculos* – a maior exposição dos eventos esportivos, por parte da mídia, transformou o esporte em uma das principais opções de entretenimento, criando um segmento de atividades de lazer e estimulando o desenvolvimento do marketing esportivo e da comercialização de competições.

Um exemplo desse fenômeno, no Voleibol, pode ser observado a partir de 1997, quando a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) adota, em sua gestão, o modelo de gestão empresarial. Nesse modelo, a CBV vende o Voleibol brasileiro, internacionalmente, como produto e assume a postura de que o torcedor é um cliente que vai ao ginásio para consumir o produto (jogo de Voleibol) (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2012).

A globalização do Voleibol dá-se, em grande parte, pela visibilidade que o esporte ganha no cenário mundial, devido aos campeonatos e aumento de adeptos à prática deste esporte, aliado às políticas de gestão empresarial adotadas pelos clubes, federações e confederações, assumindo posturas de marketing esportivos e geração de grandes eventos esportivos (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2012).

Dentro desse cenário, pode-se reconhecer que as modalidades esportivas se reestruturaram para atender a necessidade de comercialização de direitos de transmissão, imagem e patrocínio, mostrando que o esporte tornou-se o que é denominado de esporte-espetáculo, apresentando-se como um grande negócio, inserindo-o na economia mundial (RIBEIRO; PRONI; ZAIA, 2007). Nessa era de globalização, é evidente que as competições esportivas foram transformadas em espetáculos lucrativos para a indústria do entretenimento (MACHADO, 2013). Além disso, pode-se tecer que a globalização abriu caminhos para a expatriação de atletas, ou seja, a troca de clube, cidade, estado ou país, por parte dos atletas, tem grande relação com a globalização do esporte, conforme demonstra Carvalho (CARVALHO, 2016). Todavia, ao falar de globalização, espetacularização e internacionalização de atletas, não pode-se deixar de lado as implicações emocionais que isso traz para o atleta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo o objetivo desse estudo que foi conceituar os fenômenos expatriação e globalização e apontar a relação entre tais fenômenos no contexto esportivo e nas emoções da pessoa migrante, pode-se observar alguns apontamentos e interrelações. Dessa forma, o termo expatriado (migrante), independentemente de ser definido por olhares de pessoas do esporte ou “de fora do esporte”, remete ao entendimento de que trata-se de pessoas que saem de seu país em busca de novos desafios ou melhores condições de vida em outro

país. Tal situação pode ocorrer por diferentes motivos, mas os mais comuns são: envio por parte da empresa em que o profissional atua (GALLON; ANTUNES, 2015) ou iniciativa por parte do próprio expatriado (PRESTES; GRISCI, 2016).

Independentemente do motivo, pode-se considerar a expatriação como algo irreversível, demonstrando a necessidade de melhor compreensão desse fenômeno e dos motivos que levam as pessoas a esse processo. Além disso, observa-se que a expatriação tem grande relação com a globalização do esporte (CARVALHO, 2016), ou seja, com a maior exposição do esporte, os atletas começaram a interessar-se mais pela troca de clube, cidade, estado e país. Tal troca se dá muito influenciada por busca de melhores condições de carreira, de salário e ascensão no esporte (FAGGIANI et al., 2016). Todavia o presente estudo apresenta a limitação de ser um ensaio, ou seja, estudos sobre a interrelação entre expatriação e globalização não se esgotam aqui.

Observou-se, também, que deve-se compreender melhor alguns fatores que parecem ser inerentes ao processo de expatriação, como a saudade da família, o medo da mudança e outros fatores psicológico (TERTULIANO, 2016), pois tais fatores podem comprometer a adaptação do expatriado ao novo ambiente e, conseqüentemente, comprometer o seu rendimento (BRANDÃO et al., 2013; AGERGAARD; RYBA, 2014; FAGGIANI et al., 2016; FAGGIANI, 2017; PONTES et al., 2018). Brandão et al. (2013) aponta que tais fatores devem ser trabalhados antes da migração, pois o treinamento dos aspectos psicológicos que envolve a expatriação podem oferecer, ao atleta, habilidades de enfrentamento (*coping*) às adversidades que surgirão no novo país, no novo clube e frente a nova cultura (TERTULIANO, 2016).

Enquanto treinamento das habilidades psicológicas, os psicólogos do esporte demonstram-se de suma importância, já que muitos atletas podem apresentar a não adaptação à migração esportiva ou falta de equilíbrio emocional frente aos problemas corriqueiros que a expatriação traz (AGERGAARD; RYBA, 2014; PONTES et al., 2018). Além disso, falando-se de equilíbrio emocional, a falta de habilidade para lidar com as adversidades da vida leva as pessoas ao abandono das atividades e a reclusão social (BARTHOLOMEU et al., 2013). Assim, ao tratar de expatriação e os efeitos da globalização sobre tal fenômeno social, deve-se trabalhar a migração dos atletas de forma a prevenir tais acontecimentos, os quais são negativos para saúde mental do atleta (STERNBERG, 2010) e para carreira do mesmo.

Diante, disso, o papel do psicólogo do esporte, novamente, demonstra-se relevante para todo esse novo contexto que o esporte insere-se, a internacionalização e globalização. Enquanto relevância, o papel do psicólogo, além do supracitado, deve direcionar-se, também, para a preparação emocional do atleta frente a dor, a dor da perda de identidade, o que ocorre muitas vezes quando se troca de país e não se é mais reconhecido dentro da cultura local, o que denomina-se de aculturação (STAHL; MILLER; TUNG, 2002). Além da dor da perda de identidade, o atleta, muitas vezes se expatria sozinho, o que pode remeter a dor da perda da família (BRANDÃO et al., 2013).

Assim, o treinamento frente ao controle emocional para lidar com a solidão se faz necessário, pois esse fator pode vir acompanhado de mudanças de humor e de envolvimento com o esporte, o que pode levar o

atleta a queda de desempenho, aumento da possibilidade de lesões e abandono (BRANDÃO; MACHADO, 2016). Nessa perspectiva o psicólogo do esporte pode planejar a intervenção enquanto orientação sociopsicológica, pois o comportamento que o atleta demonstrará é fruto da interação com o ambiente que ele está inserido e com as características pessoais do atleta (personalidade) (CARRON; SPINK, 1993; PRAPAVESSIS; CARRON, 1996).

Neste sentido, estudos futuros poderiam se atentar a um aprofundamento de tais aspectos e suas inter-relações de modo a possibilitar análises acerca desses fatores de modo a propor intervenções e acompanhamentos para controle de tais problemas psicológicos, melhorando as condições de adaptação do migrante frente ao novo contexto. Ainda cabe propor estudos que investiguem as condições emocionais do atleta tanto na expatriação quanto em seu retorno ao local de origem, uma vez que ao retornar, pode-se ter direta relação com a incapacidade de enfrentamento ao novo ambiente e, mais do que isso, a falta de habilidades psicológicas para lidar com o retorno.

REFERÊNCIAS

ADLER, N. J. Women in international management: where are they? **California Management Review**, v. 26, n. 4, p. 78–89, 1984.

AGERGAARD, S. Elite athletes as migrants in Danish women's handball. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 43, n. 1, p. 5–19, 2008.

AGERGAARD, S.; RYBA, T. V. Migration and career transitions in professional sports: Transnational Athletic Careers in a Psychological and Sociological Perspective. **Sociology of Sport Journal**, v. 31, n. 2, p. 228–247, 2014.

ANDREFF, W. Correlation between Economic Underdevelopment and Sport. **European Sport Management Quarterly**, v. 1, n. 4, p. 251–279, 2001.

ANDREFF, W. Globalization of the sports economy. **Rivista di diritto ed Economia dello Sport**, v. 4, n. 3, p. 13–32, 2008.

ANDREFF, W. Why Tax International Athlete Migration? The 'Coubertoin' Tax in a Context of Financial Crisis. In: MAGUIRE, J.; FALCOUS, M. (Ed.). **Handbook on Sport and Migration: Borders, Boundaries and Crossings**. Oxon: Routledge, 2010. p. 31–45.

ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. O conceito de coping: uma revisão teórica. **Estudos de Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 194–273, 1998.

BARTHOLOMEU, D.; MONTIEL, J. M.; MIGUEL, F. K.; CARVALHO, L. F.; BUENO, J. M. H. **Atualização em avaliação e tratamento das emoções**. São Paulo: Vetor, 2013.

BARTLETT, C. A.; GHOSHAL, S. What is a global manager? **Harvard Business Review**, v. 70, n. 5, p. 124–132, 1992.

BONACHE, J. “La Gestión de Expatriados”. In: TIMES, F.; BONACHE, J.; CABRERA, Á. (Ed.). **Dirección Estratégica de Personas**. Madrid: Prentice Hall, 2002. p. 479–398.

BOTELHO, J. M. M. **Internacionalização de empresas**: contributos para a construção de um modelo de suporte à análise e à implementação de estratégias de internacionalização. 2015. 348p. Tese (Doutorado) - Universidade de Évora, Évora, 2015.

BRANDÃO, J. P. P. **Processos de Expatriação na Gestão Internacional de Recursos Humanos (GIRH)**: Fatores que influenciam a performance dos expatriados. 2012. 128p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Porto, Porto, 2012.

BRANDÃO, M. R. F.; MACHADO, A. A. **Competências psicológicas no esporte infanto-juvenil**. 1. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016.

BRANDÃO, M. R. F.; MAGNANI, A.; TEGA, E.; MEDINA, J. P. Além da cultura nacional : o expatriado no futebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 21, n. 2, p. 177–182, 2013.

BRASIL, Ministério das relações exteriores. Tabela de estimativas de brasileiros no mundo 2014. **Itamaraty Online**. 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

CALIGIURI, P. M. Selecting expatriates for personality characteristics: a moderating effect of personality on the relationship between host national contact and cross-cultural adjustment. **Management International Review**, v. 40, n. 1, p. 61–80, 2000.

CARDOSO, P. M. S.; RIBEIRO, C. H. V. Football and Migration: The process for transfer of players brasileiros for other countries. **Fiep Bulletin**, v. 78, p. 50–53, 2008.

CARRON, A. V.; SPINK, K. S. Team building in an exercise setting. **The Sport Psychologist**, v. 7, n. 1, p. 8–18, 1993.

CARVALHO, S. M. S. **A relação entre a gestão da carreira e a expatriação**: um estudo quantitativo com repatriados portugueses. 2016. 137p. Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico do Porto, Vila do Conde, 2016.

CERTO, S. **Administração Moderna**. São Paulo: Makron Books, 1997.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **História do Vôlei Brasileiro**. 1 fev. 2012. Disponível em: <<http://2015.cbv.com.br/panamericano/item/53-historia-do-volei-brasleiro>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

DARBY, P. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: Recurso colonial e neocolonial. **Análise Social**, v. 41, n. 179, p. 417–433, 2006.

DOZ, Y.; SANTOS, J.; WILLIAMSON, P. From Global to Metanational: How Companies Win in the Knowledge Economy. **Academy of Management Executive**, v. 16, n. 2, p. 173–174, 2001.

ETTINGER, T.; OLIVA, E. C.; KUBO, E. K. M.; ZAMBANINI, M. E.; SOARES, D. A. S. R. Políticas de Recrutamento e Seleção nos Programas de Expatriação: uma comparação entre transnacionais brasileiras. **Desenvolvimento em questão**, v. 14, n. 34, p. 189–213, 2016.

FAGGIANI, F. T. **O processo de aculturação e a adultez emergente em atletas de Futebol**. 2017. 93p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

FAGGIANI, F. T.; STREY, A.; FUGINITI, D.; LINDERN, D.; AIQUEL, P. F.; SARTORI, C. O Fenômeno do Expatriado no Contexto Esportivo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 3, p. 738–747, 2016.

FONTES, A. C. A vida nômade de atletas que vestem camisas de vários times pelo mundo. **Globoesporte.com**. 13 jul. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/eventos/futebol-de->

areia/noticia/2011/07/vida-nomade-de-atletas-que-vestem-camisas-de-variados-times-pelo-mundo.html>. Acesso em: 17 maio. 2015.

FREITAS, L. P. R.; COSTA NETO, J. R.; CARDOSO, R. M.; FERREIRA, M. P. P. Estudo do fenômeno do regresso de ex-atletas sul-mineiros de futebol do exterior. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 16, n. 164, p. 1–9, 2012.

GALLON, S.; ANTUNES, E. D. D. Processo de Expatriação: um modelo com fases e práticas. **Revista eletrônica de estratégia & negócios**, v. 8, n. 2, p. 54–84, 2015.

GONZÁLEZ, J. M. R.; OLIVEIRA, J. A. Os efeitos da expatriação sobre a identidade: estudo de caso. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 9, n. 4, p. 1122–1135, 2011.

GUEDES, B. M. D. **Stresse Em Expatriados – Transpor As Fronteiras De Si –**. 2012. 101p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **2008 Triennial Surveillance Review Thematic Findings**. 02 set. 2008. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/pp/eng/2008/090208b.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MACHADO, F. S. **Gestão de pessoas internacional no contexto esportivo brasileiro: uma análise dos processos de expatriação e repatriação de jogadores em um clube de futebol gaúcho**. 2013. 176p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

MACHADO, H. V.; HERNANDES, C. A. Alteridade, Expatriação e Trabalho: Implicações para a Gestão Organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 8, n. 3, p. 53–73, 2004.

MACHARZINA, K.; OESTERLE, M. J.; BRODEL, D. Aprendizado em Multinacionais. In: TANURE, B.; DUARTE, R. G. (Ed.). **Gestão Internacional**. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 107–151.

MARTENS, R.; BURTON, D.; VEALEY, R. S.; BUMP, L. A.; SMITH, D. E. Development and validation of the Competitive State Anxiety Inventory-2. In: MARTENS, R.; VEALEY, R. S.; BURTON, D. (Ed.). **Competitive anxiety in sport**. Champaign: Human Kinetics, 1990. p. 117–232.

MATTOS, G. **Dicionário Júnior da Língua Portuguesa**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2010.

PEREIRA, C. F.; SABOIA, J. O processo de expatriação de executivos globais: o estudo de caso da Lanxess S/A. **Revista Escola de Negócios**, v. 3, n. 2, p. 1–14, 2015.

PIERAY, N. Company Internationalisation: Active and Reactive Exporting. **European Journal of Marketing**, v. 15, n. 3, p. 26–40, 1981.

PISANI, M. S. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? **Esporte e Sociedade**, v. 9, n. 23, p. 1–11, 2014.

PONS, J.; VILADRICH, C.; RAMIS, Y.; POLMAN, R. The Mediating Role of Coping between Competitive Anxiety and Sport Commitment in Adolescent Athletes. **The Spanish journal of psychology**, v. 21, p. E7, 2018.

PONTES, V. S.; RIBEIRO, C. H. V.; GARCIA, R. M.; PEREIRA, E. G. B. Migração no Voleibol brasileiro: a perspectiva de atletas e treinadores de alto rendimento. **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 187–198, 2018.

PRAPAVESSIS, H.; CARRON, A. V. The role of sacrifice in the dynamics of sports teams. **Group dynamics: theory, research, and practice**, v. 1, p. 231–240, 1996.

PRESTES, V. A.; GRISCI, C. L. I. Autoexpatriação: uma compreensão à luz dos movimentos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. In: IX Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2016.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REGO, A.; CUNHA, M. P. **Manual de Gestão Transcultural de Recursos Humanos**. Lisboa: RH Editora, 2009.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 21–65, 2008.

RIBEIRO, L.; PRONI, M. W.; ZAIA, F. H. **Gestão empresarial do futebol num mundo de globalização**. Várzea Paulista: Editora Fontoura, 2007.

RICHARDSON, D.; LITTLEWOOD, M.; NESTI, M.; BENSTEAD, L. An examination of the migratory transition of elite young European soccer players to the english premier league. **Journal of Sport Sciences**, v. 30, n. 15, p. 1605–1618, 2012.

RIGO, L. C.; SILVA, D. V.; RIAL, C. S. M. Formação de jogadores em clubes de uma cidade do interior: circulação, escolarização e inserção no Futebol profissional. **Movimento**, v. 24, n. 1, p. 263–274, 2018.

RODRIGUES, F. X. F. O fim do passe e as transferências de jogadores Brasileiros em uma época de globalização. **Sociologias**, v. 12, n. 24, p. 338–380, 2010.

SCHINKE, R. J.; MCGANNON, K. R.; BATTOCHIO, R. C.; WELLS, G. D. Acculturation in elite sport: a thematic analysis of immigrant athletes and coaches. **Journal of sports sciences**, v. 31, n. 15, p. 1676–1686, 2013.

SEBBEN, A. O preparo do atleta de futebol. **Mesquita Online**. 10 set. 2009. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/andrea-sebben-psicologa-parte-1/>>. Acesso em: 17 maio. 2015.

SILVA, D. V.; RIGO, L. C.; FREITAS, G. S. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol. **Revista da Educação Física da UEM**, v. 23, n. 3, p. 457–468, 2012.

SOUSA, A. F. B. **A adaptação intercultural da família**: um estudo exploratório com expatriados portugueses. 2014. 119p. Dissertação (Mestrado) - Instituto Politécnico do Porto, Vila do Conde, 2014.

STAHL, G. K.; MILLER, E. L.; TUNG, R. L. Toward a Boundaryless Career: A Closer Look at the Expatriate Career Concept and the Perceived Implications of an International Assignment. **Journal of World Business**, v. 37, p. 216–227, 2002.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

TANURE, B.; EVANS, P.; PUCIK, V. **Virtudes e pecados capitais: a gestão de pessoas no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

TEIXEIRA, F. **Expatriados Futebol Clube**. Belo Horizonte: Editora do autor, 2014.

TEIXEIRA, S.; DIZ, H. **Estratégias de internacionalização**. Lisboa: Publisher Team, 2005.

TERTULIANO, I. W. **Processo de expatriação de voleibolistas: Concepções bioecológicas**. 284p. Tese (Doutorado) 2016. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

TIBBERT, S. J.; ANDERSEN, M. B.; MORRIS, T. What a difference a “Mentally Toughening” year makes: the acculturation of a rookie. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 17, p. 68–78, 2015.

TIESLER, N. C. Three types of transnational players: differing women’s football mobility projects in core and developing countries. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 2, p. 201–210, 2016.

WEEDON, G. “Glocal boys”: exploring experiences of acculturation amongst migrant youth footballers in premier league academies. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 47, n. 2, p. 200–216, 2011.

ZWIELEWSKI, G. Desafios da expatriação. **Gestão de carreira online**. 20 jul. 2009. Disponível em: <http://www.revistafatorbrasil.com.br/ver_noticia.php?not=83185>. Acesso em: 5 jul. 2016.